



Fonte: Inmet

ESTELIONATO

Presa quadrilha que enganava empresários

» LUIZ CALCAGNO

A Delegacia de Falsificações e Defraudações (DEF) da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) desarticulou uma quadrilha que atuava em vários estados brasileiros aplicando golpes em empresários. Cinco pessoas foram presas na Operação Goianos, sendo duas delas em Campo Grande (MS), duas em Planaltina de Goiás, Entorno do DF, e uma na capital federal. Um homem está foragido e outro, conhecido como Chicão, que já responde a processo por homicídio, foi indiciado e deve ser preso nos próximos dias. Os falsários se passavam por funcionários do alto escalão do governo federal, com interesse em vender sobras de materiais de construção licitados ou apreendidos a um preço bem abaixo do mercado. Os empresários pagavam pelo material, mas nunca recebiam a mercadoria.

As investigações tiveram início em junho, quando empresários goianos procuraram a DEF para prestar queixa sobre as fraudes. De início, a polícia considerou a possibilidade de a quadrilha agir somente em Goiás, mas, durante as investigações, monitorando os

suspeitos, descobriram que empresários de várias outras regiões do país eram alvo da quadrilha. Um contingente de 60 policiais foi utilizado na operação, 40 somente no DF e no Entorno, e 20 em Mato Grosso do Sul, onde foram presos Gilmar Aureliano Gonçalves, 37 anos, e Iremar Alves Bezerro, 44, respectivamente sobrinho e tio, apontados como líderes do bando. Em Planaltina de Goiás, foram detidos Marcelino Possidônio dos Santos, 47, e Carlos José de Oliveira, 39. Outro tio de Gilmar, José Carlos Felício, 44, foi preso em Brasília. Se condenado, o grupo pode pegar até oito anos de prisão por formação de quadrilha e estelionato.

A polícia apreendeu com a quadrilha quatro computadores, dois laptops, 19 celulares, vários chips telefônicos e uma grande quantidade de bilhetes de loteria, que, segundo a delegada-chefe da DEF, Ivone Rossetto, poderiam ser utilizados em novas modalidades de golpes ainda não definidas. "A maioria dos golpes girava em torno de R\$ 40 mil. O prejuízo dos cinco empresários que colaboraram com a investigação é de mais de R\$ 200 mil, mas com certeza o montante arrecadado é

bem maior. Eles exigiam pagamento em dinheiro e as vítimas não eram de Brasília", explicou.

A quadrilha atuava há vários anos. Segundo depoimentos, o grupo chegou a perder as contas de quantos empresários teriam enganado. De acordo com a delegada Ivone, Gilmar se gabava por nunca ter sido pego pela polícia. Outro detalhe é que o pai de Gilmar, Ivo Aureliano Gonçalves, já falecido, foi quem iniciou o filho no golpe e trabalhou com os tios do rapaz. "Eles já são a segunda geração", afirmou a delegada. Marcelino Já foi preso e cumpriu quatro anos pela mesma prática. Ele teria sido flagrado em 2004, aplicando o golpe a um empresário paraense na Câmara dos Deputados.

Esquema

A armação do esquema era elaborada. De acordo com a delegada Ivone, a maior dificuldade da polícia em localizar os estelionatários era que o grupo trocava constantemente de nome, de celulares, de órgão federal e de ramos de empresas-alvo. Além disso, os bandidos se aproveitavam da vergonha dos empresários em serem enganados e não prestavam queixa à polícia. "Com as investigações, tivemos acesso à listagem das empresas. Existem vítimas em Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, por exemplo", detalhou a delegada.

Gilmar e Iremar escolhiam a empresa e se apresentavam como

funcionários de um órgão do governo federal relacionado de alguma forma à empresa. Caso o empresário fosse do ramo de pelarias, os criminosos apresentavam-se como sendo do Ministério da Educação. Caso fossem do ramo de obras, os bandidos diziam ser do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit). Eles não saíam de Campo Grande e só conversavam com as vítimas por celular.

Em seguida, a dupla passava os contatos para Marcelino, Carlos José, José Carlos e Chicão. Eles exigiam dados da empresa, emitiam documentos falsos e diziam preparar notas fiscais. O transporte do material ficava a cargo da empresa compradora. O empresário era convidado a ir para Brasília fechar o negócio e devia fazer o saque em dinheiro. Ele era recebido pelos estelionatários e o caminhão para transporte dos produtos era levado para algum depósito da cidade, onde um dos farsantes se passava por gerente e dizia que só liberaria o material mediante autorização do falso funcionário do alto escalão representado por Gilmar. A vítima era levada para realizar o saque e depois encaminhada a um órgão público para que Gilmar o recebesse, mas era atendida por um suposto assessor que recebia o dinheiro e pedia que ele aguardasse alguns minutos para que o gerente liberasse a carga. Nesse momento, todo o grupo desaparecia com o dinheiro.